

Lourenço Mutarelli

O NATIMORTO  
Um musical silencioso

# 1



Entro na estação.

Estação rodoviária.

Estou ansioso.

Corro ao guichê.

Não ao que vende bilhetes,  
ao que vende cigarros.

Um maço de Cowboys Light, por favor.

Analiso a frente do maço.

Com receio, viro.

Estampado,

o Natimorto.

Voo até a plataforma de desembarque.

Aguardo ansioso.

Tiro um pequeno bloco de notas.

Mentalizo:

o Natimorto.

Aguardo.

Estudo os novos arcanos.

Creio em meus pensamentos.

Ontem, foi:

“A Rainha despreza o Rei pelo que sai de sua boca”.

E hoje me encontro aqui, esperando a cantora.

Mesmo advertido de que

“Em gestantes, o cigarro provoca partos prematuros e nascimento de crianças com peso abaixo do normal e facilidade de contrair asma”,  
acendo um cigarro.

O celular anuncia o chamado, numa velha sonata.

O Agente — Alô? Como vai, Maestro?

O Agente — Tudo, e você?

O Agente — Não, não... Já estou aqui.

O Agente — É, essa chuva vai atrasar tudo.

O Agente — Ela já deve estar chegando.

O Agente — Fique tranquilo. Eu não vou te decepcionar.

O Agente — Eu almoço com ela. Minha esposa está preparamo algo especial.

O Agente — Isso, depois vamos direto pra aí.

O Agente — Isso, lá pelas duas e meia, três horas.

O Agente — O ônibus está chegando, a gente se fala.

O Agente — Um abraço para você também.

O ônibus estaciona.

Desce o primeiro.

Seguem mais nove.

Então, ela surge à porta.

Embora visivelmente cansada,

seus traços guardam uma sutil, delicada, quase invisível beleza.

Seus olhos me buscam.

Mas são os meus que a encontram.

A Voz — Nossa, eu quase passo direto pelo senhor.

O Agente — Por favor, não me chame de senhor.

A Voz — Me desculpe.

Ela beija meu rosto.

O Agente — Fez boa viagem?

A Voz — Foi tranquila. Dormi o tempo todo.

O Agente — Essa é a vantagem de viajar à noite, de ônibus leito.

A Voz — É.

Ela diz que fico bem de vermelho, por causa da camisa que visto.

Eu carrego sua mala. É curiosamente leve.

O Agente — Quer um café?

A Voz — Ah! Eu quero... E preciso comprar cigarros.

O Agente — Você ainda fuma?

A Voz — Como assim? Você deveria perguntar se eu fumo, não se eu ainda fumo... Afinal, não nos conhecemos há tanto tempo assim.

O Agente — É que todos estão parando, parando de fumar. Estão parando de fumar por causa da campanha. Por isso perguntei “se ainda”...

O Agente — Dois *espressos*, por favor.

Garçom — Puros?

O Agente — Como você quer o seu?

A Voz — Puro.

O Agente — Os dois puros.

A Voz — E me vê um maço de Cowboys Light.

O homem processa, ou *espressa*, o café.

Nos serve e vai buscar o cigarro.

Entrega.

Com rapidez, ela arranca o celofane.

Eu, no mesmo ritmo, ofereço a chama.

O Agente — Posso ver?

A Voz — O quê?

O Agente — O maço.

A Voz — Claro.

A Voz — Quer um?

O Agente — Não, só quero olhar a figura.

A Voz — Ah, são horríveis essas imagens.

O Agente — Talvez elas só pareçam horríveis.

O Agente — A Entubada.

A Voz — Que foi que disse?

O Agente — Ah! É, é como eu chamo esta figura aqui.

O Agente — Essa moça na cama de hospital... cheia de tubos...

A Voz — Já que você quis dar um nome a ela, por que não lhe deu um nome de mulher? Marta, por exemplo.

O Agente — Marta é um bom nome, já que ela está quase morta... Ha, ha, ha...

O Agente — Deixa eu tentar me explicar...

O Agente — Eu fumo um maço de cigarros por dia.

A Voz — Eu também, um pouco mais às vezes.

O Agente — Muito bem, essas figuras que eles estamparam nos maços para nos intimidar me causam uma sensação estranha. Além de um óbvio desconforto.

A Voz — São horríveis, às vezes eu chego a pensar em parar de fumar só para evitar esse confronto.

O Agente — Você está certa. Mas, além desse desconforto, elas me fazem pensar numa outra possibilidade.

A Voz — Qual?

O Agente — Quando eu era criança, morava com uma tia minha que punha cartas.

A Voz — Sei.

O Agente — Ela lia a sorte em velhas cartas de tarô, sabe?

A Voz — Claro.

O Agente — Pois então: aquelas cartas de tarô me causavam uma impressão de estranheza, um desconforto, um quase medo... Eu tinha uma sensação... As figuras daquele baralho me causavam uma sensação muito semelhante à que sinto quando contemplo essas figuras de advertência impressas nos cigarros. Me entende? E aí, como eu ia dizendo, eu fumo um maço por dia. Então, acho que a imagem

vai prenunciar, de alguma forma, o destino desse dia. Deu para entender?

A Voz — Nossa! Que ideia fascinante. Mas isso quer dizer que você, de qualquer forma, só terá dias ruins?

O Agente — Não necessariamente. Por exemplo, no tarô, a carta sem nome, a carta de número treze que todos chamam de Morte, tem um aspecto terrível, mas muitas vezes ela pode representar uma coisa boa. Em contraponto, a carta intitulada a Casa de Deus ou a Torre pode prenunciar os piores desígnios.

A Voz — Você devia escrever sobre isso.

O Agente — Imagina. Eu não sou um escritor. Sou apenas um caça-talentos... poderíamos chamar assim.

A Voz — Mas fale mais sobre essa sua ideia. Eu estou realmente encantada com ela.

O Agente — Vamos nos sentar naquela mesinha. Quer outro café?

A Voz — Quero.

O Agente — Garçom, traz mais dois cafés. Nós vamos nos sentar na mesinha ali.

Garçom — Puros?

O Agente — Isso, os dois puros.

Puxo a cadeira para que ela sente.

Ela me olha com um sorriso.

Eu não lembrava que ela era bonita.

Ela, de fato, não tem uma beleza padrão.

Não é do tipo que chame a atenção, mas, a cada minuto que passa, vai se tornando cada vez mais bela.

O Agente — Onde estávamos?

A Voz — Na “Entubada”.

O Agente — É. Isso.

Rimos.

O Agente — Então, como eu ia dizendo, essas imagens que os cigarros trazem em suas advertências... me causam o mesmo estranhamento que os arcanos do tarô. E note que mesmo as imagens do tarô não deixam de ser advertências.

A Voz — Essa ideia é maravilhosa. Eu ainda acho que você devia escrever sobre isso.

O Agente — Ora, ora... Eu não sei escrever. Não sou um escritor.

A Voz — Não seja por isso. Continue.

O Agente — Bom, eu não sei se você sabe... mas o tarô é o pai do baralho.

A Voz — É?

O Agente — É.

O Agente — Na verdade, os arcanos superiores, que são as cartas que vão do Mago ao Mundo, ou seja, as cartas que propriamente antecedem os naipes, ou, de fato, o baralho, nos contam uma história. Uma história velada.

A Voz — Sério? Elas contam uma história? E qual é a história?

O Agente — Logo, logo eu teuento.

O Agente — O que eu acho mais relevante é o seguinte: como a história que o tarô carregava era uma história paralela de uma sociedade secreta, e, logicamente, proibida e perseguida, eles inventaram um jogo: o baralho. E inseriram essa mensagem entre as cartas do jogo para que, dessa forma, sua mensagem pudesse correr livremente e só fosse percebida pelos iniciados. Está muito confuso?

A Voz — Não, não. Eu estou realmente fascinada com esse seu paralelo entre as fotos das embalagens de cigarros e os tais arcanos do tarô.

O Agente — Que bom.

O Agente — Finalmente encontrei alguém que se interessa pelas minhas bobeiras.

O Agente — Por falar nisso, a minha esposa insiste para que você se hospede lá em casa. Nós temos um quarto a mais. É bem espaçoso e confortável... Era para ser o quarto das crianças, mas nós nunca as tivemos... Minha esposa não consegue... você sabe... ela não é fértil.

A Voz — Sinto muito.

O Agente — Tudo bem, nós já estamos casados há sete anos... Um dia acabo me acostumando com esse feto.

O Agente — Nossa! Eu disse “feto”! Eu queria dizer “fato”. “Fato” foi o que eu quis dizer, “fato”.

A Voz — Será um prazer ficar na sua casa, longe da frieza dos hotéis.

O Agente — O prazer será meu. Prazer e honra em hospedá-la. A Voz da Pureza.

A Voz — Voz da Pureza?

O Agente — É. Foi como eu descrevi sua voz ao Maestro.

A Voz — Que bonito. Fico lisonjeada.

O Agente — Eu é que me encho de orgulho de apresentá-la ao mundo.

A Voz — Quantos arcanos há nos cigarros?

O Agente — Ah! Sabe que somente ontem eu comecei realmente a tentar cristalizar essa minha impressão? Assim, de cabeça, acho que são sete.

O Agente — Tem aquela imagem da mulher grávida; tem a do homem afrouxando a gravata; tem a do bebê, o Natimorto; qual mais?

A Voz — A da impotência: é um casal com uma moça bastante insatisfeita.

O Agente — É verdade, eu tinha me esquecido dessa. Então, creio que sejam oito.

A Voz — E no tarô, quantos são?

O Agente — São vinte e dois arcanos, contando com a carta sem número e a carta sem nome.

A Voz — Quer dizer que, além da carta sem nome, que você acaba de me dizer que é a... a Morte, existe também uma carta sem número?

O Agente — É. O Louco. A carta do homem que vaga sem destino... o errante.

O Agente — Mas veja bem: embora muitos coincidam no aspecto iconográfico, eu não penso que os arcanos dos maços de cigarros sejam meras transposições. Eu acredito que as imagens das fotos dos cigarros sejam na verdade prenúncios de novos arcanos, de novos tempos... Me entende?

Ela ri.

Um silêncio se acomoda em nossa pequena mesa.

Ela permanece sorrindo.

Sorrindo e balançando a cabeça, como se dissesse:

Ah! Só você mesmo.

E, mesmo cientes de que “Fumar causa câncer de pulmão”, acendemos novos cigarros.

||

O Agente — Querida? Chegamos.

O Agente — Entre.

O Agente — Entre e, por favor, fique à vontade.

O Agente — Querida!

A Esposa — Vocês chegaram! Meu Deus! Eu estou tão emocionada em conhecê-la!

A Esposa — Desde que ele a ouviu cantar, não fala em outra coisa.

A Voz — O prazer é todo meu.

A Esposa — Como foi a viagem?

A Voz — Foi ótima.

A Esposa — Você não viaja de avião? Tem medo?

A Voz — Morro. Morro de medo. Preciso ter os pés firmes no chão.

Ha, ha, ha.

Ha, ha, ha.

A Esposa — Já está tudo pronto. É só o tempo de assar a carne.

A Esposa — Querido, sirva um aperitivo a ela.

O Agente — Claro.

A Esposa — Sabe, ele fala de você o tempo todo...

A Voz — De você também. É minha esposa pra cá, minha esposa pra lá...

A Esposa — E de você, então! É a Voz da Pureza pra lá, é a Voz da Pureza pra cá...

A Voz — Ele disse que estão casados há sete anos.

A Esposa — É, agora em abril completamos sete anos.

Sirvo os aperitivos.

A Esposa — Eu queria ter a honra de ouvi-la cantar. Será que é possível?

A Voz — Claro. Não faltará oportunidade.

A Esposa — Não. Você não entendeu. Eu queria ouvir agora!

O Agente — Agora?

A Esposa — Agora. Enquanto assa a carne.

A Voz — Bem... Assim, tão de repente...

A Esposa — Qual o problema? Só uma palhinha, não é assim que falam?

A Voz — Bom, você me pegou de surpresa...

Copyright do texto e das ilustrações © 2009 by Lourenço Mutarelli  
Publicado originalmente em 2004 pela editora DBA, São Paulo.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Projeto gráfico  
Kiko Farkas, Mateus Valadares e André Farkas/ Máquina Estúdio

## Preparação Márcia Copola

Revisão  
Marise Leal  
Arlete Zehber

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mutarelli, Lourenco

O Natimorto: Um musical silencioso / Lourenco

Mutarelli. — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

ISBN 978-85-359-1519-8

## 1. Romance brasileiro I. Título.

09-08324

CDN-86993

#### Índice para catálogo sistemático:

1 Romances: Literatura brasileira 869.93

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARZ LTDA

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 - São Paulo - SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

Esta obra foi composta pela Máquina Estúdio  
em Janson Text e Aaux e impressa  
pela Geográfica em ofsete sobre papel polén bold  
da Suzano Papel e Celulose para a  
Editora Schwarz em setembro de 2009.